

1

Cada país tem a sua Samarcanda e a sua Numância. Naquela noite, os dois locais encontravam-se ali, junto de nós, no Morava. Numância, na Meseta Ibérica, fora em tempos a última cidadela de refúgio, um reduto contra o Império Romano; Samarcanda, o que quer que representasse na história, foi e continua a ser lendária, e sê-lo-á para além da história. No Morava, o lugar da cidadela de refúgio era ocupado por um barco, ao que parecia pequeno, que se intitulava de «hotel», mas que há largo tempo servia principalmente de habitação a um autor, um ex-autor. A tabuleta HOTEL era um simples disfarce: quem procurasse um quarto ou uma cabina para passar a noite recebia geralmente a resposta «Esgotado». Mas essa procura era quase inexistente, e não só por o barco estar sempre ancorado em pontos do rio para os quais não havia propriamente um caminho de acesso. Se alguém lá chegava, era sobretudo atraído pelo nome do «hotel», que reluzia ao longe, na escuridão da várzea do rio: NOITE DO MORAVA.

O barco não estava fundeado, mas apenas atado a árvores ou a postes de eletricidade, e de modo a que fosse fácil e rápido soltar as amarras — caso fosse preciso fugir, ou apenas fazer manobras rápidas para seguir caminho ou virar para montante ou jusante. (Naquele tempo, o Morava, depois de muitos anos de assoreamento com areia e lama — e não só devido à guerra —, tornara-se de novo navegável em grandes troços, até às nascentes a sul e a ocidente do rio, graças a uma economia que era uma panaceia para quase tudo e que ia para lá das próprias fronteiras do nosso país, arruinado e transformado num rincão miserável da Europa.)

Na noite em que fomos chamados ao barco, este encontrava-se entre a aldeia de Porodin e a vila de Velika Plana. Embora Velika Plana fique mais perto do rio, a convocação chegou da margem de Porodin, de um local afastado da ponte que liga as duas localidades, pelo que saímos da aldeia e seguimos aos ziguezagues, cada um por si, a desviarmo-nos para aqui e para ali e a virarmos à esquerda e à direita, por caminhos rurais que mudavam de direção de um campo para outro. Uma vez que nos encontrávamos todos em quintas de Porodin ou de aldeias das imediações, nós, os amigos, companheiros, vizinhos distantes e colaboradores do ex-autor — cada um dos quais o acompanhara numa ou noutra etapa da viagem —, não tardámos a formar uma espécie de coluna, em carros, bicicletas, tratores e um ou outro a pé, estes últimos atalhando por campos e avançando tão rapidamente como os que seguiam em veículos, por caminhos aos altos e baixos, sempre afastados do destino e que iam dar a nenhures. Na realidade, também os que seguiam a pé, embora o letreiro luminoso NOITE DO MORAVA lhes parecesse estar a poucos passos de distância, aqui e ali eram forçados a desviar-se inesperadamente de um canal profundo, e a fazerem um segundo desvio, ao depararem-se com uma sebe impenetrável.

Por que motivo tinha o nosso barqueiro escolhido precisamente Porodin para seu local de residência? Só podíamos fazer conjecturas: alguns eram de opinião que isso se devia à história que circulava pelos Balcãs entre as guerras — aí estivera-se sempre, se não em guerra, «entre as guerras» —, segundo a qual um habitante da região assassinará um vendedor ambulante, após o que a aldeia inteira passara a fazer penitência no dia do aniversário do crime. Outros estavam convencidos de que ele se mudara para ali por causa do Morava, a fim de poder olhar para o rio, sobretudo para as suas curvas cintilantes, uma a montante, a outra a jusante. E outros ainda supunham que isso tinha que ver com as várias bifurcações e encruzilhadas da grande aldeia, onde ele desejava simplesmente sentar-se no terraço de um dos pequenos bares balcânicos, diante de um copo de vinho turvo e com um travo mineral, a ver à distância os rebanhos de carneiros a pastar contra o céu.

Ainda faltava muito para a meia-noite. Como que obedecendo a uma combinação prévia, tínhamos ido para a cama muito cedo e já

dormíamos a sono solto quando o apelo chegou. Apesar disso, no mesmo instante ficámos bem acordados. Não houve um momento de sonolência ou de atordoamento. Fomos despertados de diversas maneiras, principalmente pelos telemóveis. Mas houve um ou dois a quem um mensageiro bateu ao portão ou atirou um seixo contra a janela — uma única pancadinha e uma única pequena pedra foram suficientes. E um, ao integrar-se na coluna, contou que estava na cama em Porodin, com as cortinas todas abertas, e que acordara sobresaltado devido a uma cintilação imperiosa emitida pelo letreiro luminoso ao longe, na várzea do Morava, e o seguinte a juntar-se ao grupo afirmou ter acordado alarmado devido a um sinal que mais parecia provir de um navio do que de um barco-casa. Assustado? Talvez. Mas não era um susto habitual. E, fosse como fosse, o despertar tinha ocorrido sem palavras. E, fosse como fosse, cada um de nós sentia que o chamamento o tinha apanhado de surpresa, ao mesmo tempo áspero e suave. Os telemóveis só tinham tocado por instantes. E um de nós, que atendera uma fração de segundo antes do toque, com a presença de espírito que só tem quem acorda de um sono pesado, tudo o que ouviu foi uma gargalhada muito breve, quase inaudível, no limiar entre o sono profundo e o estado de vigília, e por isso muito nítida, que queria dizer sem palavras: «Levanta-te!» A gargalhada era melodiosa, e não era o riso do nosso amigo do barco, mas o riso inconfundível de uma mulher, o que de modo nenhum surpreendia a pessoa que fora assim despertada. Nada o surpreendia naquele momento, tal como nada o surpreendera ao atravessar os campos cultivados e áridos — as áreas por cultivar eram cada vez mais extensas, apesar das terras alagadiças tão férteis e da nova economia que transpunha fronteiras — até ao NOITE DO MORAVA. Nada surpreendeu nenhum de nós no momento em que acordámos, muito antes da meia-noite. E, de igual modo, na hora subsequente, enquanto seguíamos aos sacões e tropeções sobre paus e pedras, não houve um segundo de surpresa. A sensação dominante era a de uma grande frescura, como que proveniente tanto do ar noturno do exterior como do mais fundo de nós, uma frescura que rodeava tudo.

Os que seguiam a pé foram os primeiros a chegar ao barco. Aqueles que utilizavam veículos, mesmo bicicletas, tinham tido de os abandonar muito antes da margem do Morava; com a ausência crescente de caminhos e com fossos e barreiras de silvados cada vez mais frequen-

tes, era impossível continuar. Os caminhantes habituados à escuridão tiveram pouca dificuldade em transpor obstáculos ou deslizar entre eles, enquanto os que seguiam em veículos tiveram de avançar às apalpadelas, sem verem nada nas trevas ainda algum tempo depois de apagarem os faróis dos carros e das bicicletas. Postas as coisas deste modo, dá a impressão de que éramos muitos, um grupo numeroso, mesmo uma coluna. Mas era uma ilusão: só dávamos essa impressão por seguirmos à noite pelas terras à beira-rio. Não éramos mais de seis ou sete, um número por assim dizer correspondente às horas, episódios e capítulos da noite que se estendiam à nossa frente até ao amanhecer. A estação do ano: não muito depois do princípio da primavera. A data: não muito antes da Páscoa ortodoxa, que, naquele ano, ao contrário das disposições anteriores, se fizera coincidir com a Páscoa pan-europeia, o que se deveria manter em vigor no futuro. Fase lunar: lua nova. Vento: brisa noturna suave, mais forte próximo do rio. Bancos de nuvens a deslocarem-se lentamente de oeste para leste. Primeiras constelações de verão, que, durante uma breve hora no final da noite, ainda permitem ver Oríon e uma ou outra das últimas constelações de inverno.

Ao contrário do que um ou outro esperava, o ex-autor recebeu-nos sozinho na sua casa e barco-refúgio. Também ao contrário de muitas expectativas ou receios, parecia de boa saúde e, como se dizia em tempos, são como um pero; não propriamente esfuziante, mas ainda com as pernas bem firmes (enquanto, no seu tempo de autor, tinha o hábito característico de mudar constantemente o peso do corpo de uma perna para a outra, o que «não significava nada, pois toda a gente da minha aldeia fazia isso desde tenra idade»); e, na sua postura serena, particularmente depois de tudo o que um ou outro dos convocados tinha ouvido contar acerca do seu périplo, da sua *daura*, uma fuga circular com etapas, uma odisseia com etapas, uma viagem fatal com etapas, e também a loucura homicida com etapas que o acometeu na sua Europa natal.

O que já correspondia à expectativa geral era o facto de o anfitrião não parecer congratular-se com a chegada dos seus convidados. Nem a mínima palavra de saudação se ouviu proferida pela silhueta visível lá em cima na amurada, sob a luminosidade convidativa do NOITE DO MORAVA. Nem o mais ligeiro aceno de mão vindo do barco e dirigido ao nosso pequeno grupo, entretanto reunido na margem, coberta de

mato cerrado. É certo que ali havia uma espécie de tábua que, de alguma forma, ligava o barco a terra. No entanto, era tão estreita e, além disso, tão íngreme que tivemos de a subir de gatas, como se fosse uma escada de galinheiro, um atrás do outro, com a prancha a deslizar para cá e para lá, e nós constantemente a escorregar. E, bem entendido, ele também não estendeu a mão a nenhum de nós, para nos içar para a cobertura ou, sequer, para nos dar as boas-vindas. Talvez também digno de nota foi o facto de, a princípio, nos ter deixado sozinhos no barco durante muito tempo, e só mais tarde ter ido ao nosso encontro, aparecendo sabe Deus de onde.

Embora nos tivesse mandado chamar, era como se agora o incomodássemos. A nossa chegada parecia não só não lhe dar prazer, mas também não lhe calhar bem e contrariá-lo. Éramos indesejáveis: intrusos, piratas do rio. É verdade que já estávamos à espera dessa reação e acostumados àquela aparente falta de hospitalidade, num contraste tão abrupto com a tradição balcânica. Porém, naquela noite ficámos chocados, principalmente quando nos invetivou devido à nossa «pontualidade servil» e à nossa «previsibilidade» — as suas primeiras palavras depois de um silêncio rígido e prolongado. A seguir desligou o letreiro luminoso, de modo que, durante algum tempo, ficámos, no barco, mergulhados na escuridão total. E, de igual modo, silenciou a música balcânica que tinha atraído pelo menos alguns de nós a bordo. Em vez dela, só se ouvia o concerto atroador das rãs nas moitas da margem do Morava, que iria durar toda a noite, e, como único outro ruído, o bramido dos camiões na autoestrada junto de Velika Plana, igualmente incessante durante toda a noite: o transporte de mercadorias a grande distância, não apenas para a Turquia e em sentido contrário, mas também entre os continentes, rugia sem um segundo de pausa.

Quando nos habituámos à escuridão, alguns de nós descobrimos qualquer coisa inesperada sobre o dono do barco: ele abanava a cabeça ao ritmo do coaxar da miríade de rãs, e acompanhava o retumbar e o bramir distantes dos camiões de carga entoando com a boca fechada o que parecia ser um trecho de uma melodia. Aquilo era uma novidade, pois não conhecíamos ninguém mais sensível ao ruído do que ele. Não bastara uma rajada de vento repentina, ainda que ligeira, para o fazer sobressaltar-se como se um inimigo lhe tivesse tocado? E seria por brincadeira que afirmara repetidas vezes que tinha deixado de escrever